

Jennifer Egan

A Praia de Manhattan

Tradução de Vasco Teles de Menezes

*Para Christina, Matthew e Alexandra Egan,
e para Robert Egan — o nosso tio Bob.*

«Sim, como todos sabem,
a meditação e a água estão casadas para todo o sempre.»

HERMAN MELVILLE, *Moby Dick*

Primeira Parte
A costa

1.



JÁ TINHAM FEITO O PERCURSO INTEIRO até à casa de Mr. Styles quando Anna se apercebeu de que o pai estava nervoso. Primeiro, a viagem de carro tinha-a distraído, percorrendo a Ocean Parkway como se fossem a caminho de Coney Island, embora o Natal tivesse sido apenas quatro dias antes e estivesse impossivelmente frio para a praia. Depois, a própria casa: um palácio em tijolo dourado com três andares, janelas a envolverem-no e toldos às riscas verdes e amarelas a ondular ruidosamente. Era a última casa da rua, que não tinha saída, terminando no mar.

O pai encostou o Model J ao passeio e desligou o motor.

— Bonequinha — disse —, não olhes de esguelha para a casa do Mr. Styles.

— Claro que não vou olhar de esguelha para a casa dele.

— Estás a fazer isso neste preciso momento.

— Não — respondeu ela —, estou a estreitar os olhos.

— E isso é o mesmo que olhar de esguelha — retorquiu ele. —

Acabaste de o definir.

— Para mim, não é.

O pai virou-se para ela bruscamente.

— Não olhes de esguelha.

E foi então que Anna percebeu. Ouviu-o engolir em seco e sentiu um trinado de preocupação no estômago. Não estava habituada a ver o pai nervoso. Abstraído, sim. Apreensivo, sem dúvida.

— Porque é que o Mr. Styles não gosta que o olhem de esguelha? — perguntou ela.

— Ninguém gosta.

— Nunca me tinhas dito isso.

— Queres ir para casa?

— Não, obrigada.

— Posso levar-te para casa.

— Se eu olhar de esguelha?

— Se me deres a dor de cabeça com que eu já estou a ficar.

— Se me lebares para casa — afirmou Anna —, vais atrasar-te imenso.

Julgou que o pai lhe poderia dar uma bofetada. Tinha-o feito uma vez, depois de ela ter deixado escapar um rol de palavras que tinha ouvido nas docas, com a mão dele a encontrar a face dela, de forma invisível, como um chicote. O espectro dessa bofetada continuava a assombrar Anna, com o peculiar efeito de lhe aumentar a ousadia, desafiando-o.

O pai coçou o meio da testa e, a seguir, olhou de novo para ela. Os nervos tinham-se sumido; ela tinha-o curado.

— Anna — disse ele —, já sabes o que eu preciso que tu faças.

— Claro.

— Que te mostres encantadora, como sabes ser, com os filhos do Mr. Styles enquanto eu falo com ele.

— Eu já sabia isso, Paizinho.

— Claro que sim.

Saiu do Model J de olhos bem abertos e a lacrimejar do sol. O automóvel tinha sido deles até à queda da bolsa de valores. Atualmente pertencia ao sindicato, que o emprestava ao pai para este tratar de assuntos do sindicato. Anna gostava de o acompanhar quando não tinha aulas — a hipódromos, a comunhões seguidas de pequeno-almoço e a eventos eclesiásticos, a prédios de escritórios com ascensores que os elevavam a pisos altos e, de vez em quando, até a um restaurante. Mas, até então, nunca a uma casa privada como aquela.

Ao baterem à porta, foram recebidos por Mrs. Styles, que tinha as sobrancelhas esculpidas de uma estrela de cinema e uma boca comprida

pintada num vermelho brilhante. Acostumada a considerar a mãe mais bonita do que toda e qualquer mulher com quem se cruzasse, Anna sentiu-se desarmada pelo glamour evidente de Mrs. Styles.

— Estava com esperanças de conhecer a Mrs. Kerrigan — disse Mrs. Styles com uma voz rouca, apertando a mão do pai de Anna com as duas dela.

O pai respondeu que a filha mais nova tinha adoecido de manhã e que a mulher tinha ficado em casa para cuidar dela.

Não havia sinal de Mr. Styles.

Educadamente, mas (contava ela) sem admiração visível, Anna aceitou um copo de limonada de uma bandeja de prata trazida por uma empregada negra de uniforme azul-claro. No polimento brilhante do soalho do hall de entrada, viu o reflexo do seu próprio vestido vermelho, cosido pela mãe. Do outro lado das janelas da sala da frente contígua, o mar marulhava sob um sol de inverno fraco.

A filha de Mr. Styles, Tabatha, tinha apenas oito anos — três anos mais nova do que Anna. Ainda assim, Anna deixou que a rapariga mais pequena a levasse pela mão para o «quarto das crianças», no andar de baixo, um espaço dedicado exclusivamente à diversão, com uma quantidade chocante de brinquedos. Uma rápida inspeção permitiu descobrir uma boneca Flossie Flirt, vários ursos grandes de peluche e um cavalo de ba-loiço. Havia uma «ama» no quarto das crianças, uma mulher sardenta e de voz áspera cujo vestido de lã se distendia como uma estante a abarrotar de livros para lhe reprimir o busto gigantesco. Pelos contornos largos do rosto e o brilho alegre dos olhos, Anna calculou que a ama fosse irlandesa e sentiu o perigo de ser reconhecida. Decidiu-se a manter as distâncias.

Dois rapazes pequenos — gémeos ou, pelo menos, intercambiáveis — estavam às voltas com a montagem da linha férrea de um comboio elétrico. Em parte para evitar a ama, que rejeitava os pedidos de ajuda dos rapazes, Anna pôs-se de cócoras junto aos carris por unir e ofereceu os serviços dela. Conseguia sentir a lógica das peças mecânicas nas pontas dos dedos; era algo que lhe surgia com tamanha naturalidade que era

obrigada a pensar que as outras pessoas nem sequer se esforçavam. Punham-se sempre a *olhar*, o que era tão inútil no que tocava a montar coisas como estudar um quadro tocando-lhe. Anna prendeu a peça que estava a atormentar os rapazes e tirou mais umas quantas da caixa acabada de abrir. Era um comboio Lionel, a qualidade dos carris palpável na determinação com que se interligavam. Enquanto ia trabalhando, Anna olhava ocasionalmente de relance para a boneca Flossie Flirt enfiada na ponta de uma prateleira. Dois anos antes, quisera uma com tal intensidade que parte desse desespero pareceu ter-se soltado e permanecido dentro dela. Agora, era estranho e doloroso descobrir esse antigo desejo ardente ali, naquele sítio.

Tabatha estava a embalar a boneca nova que tinha recebido no Natal, uma Shirley Temple com um casaco de pele de raposa. E a observar, hipnotizada, Anna a construir a linha férrea do comboio dos irmãos.

— Onde é que vives? — perguntou.

— Não muito longe.

— Na praia?

— Perto.

— Posso ir a tua casa?

— Claro — respondeu Anna, prendendo carris à velocidade com que os rapazes lhos passavam.

Um oito já estava quase completo.

— Tens irmãos? — perguntou Tabatha.

— Uma irmã — respondeu Anna. — Tem oito, como tu, mas é má. Por ser tão bonita.

Tabatha fez um ar alarmado.

— Muito bonita?

— Extremamente bonita — respondeu Anna num tom grave.

E, a seguir, acrescentou:

— É parecida com a nossa mãe, que dançou nas Follies¹.

¹ Referência às Ziegfeld Follies (1907-1931), série de revistas musicais da Broadway, de estilo clássico e grandioso, concebidas pelo empresário Florenz Ziegfeld. (*N. do T.*)

O erro daquela gabarolice interpelou-a no instante seguinte. «Nunca reveles um facto a não ser que não tenhas escolha.» A voz do pai nos ouvidos.

O almoço foi servido pela mesma empregada negra, numa mesa do quarto das crianças. Sentaram-se como adultos nas cadeiras pequenas, com guardanapos de pano no colo. Anna deitou vários olhares de relance à Flossie Flirt, à procura de um qualquer pretexto para pegar na boneca sem admitir que estava interessada. Se a pudesse sentir simplesmente nos braços, já ficaria satisfeita.

A seguir ao almoço, como recompensa por se terem portado tão bem, a ama deixou que se agasalhassem com casacos e gorros e saíssem disparados de uma porta dos fundos, correndo por um caminho que seguia pelas traseiras da casa de Mr. Styles até uma praia privada. Um longo arco de areia polvilhada de neve inclinava-se em direção ao mar. Anna já tinha ido às docas no inverno, muitas vezes, mas nunca a uma praia. Ondas em miniatura erguiam-se subtilmente por baixo de películas de gelo que estalavam quando ela as pisava. Gaivotas gritavam e mergulhavam ao sabor do vento desenfreado, as barrigas completamente brancas. Os gémeos tinham levado pistolas de raios de Buck Rogers, mas o vento transformava-lhes os disparos e os estertores de moribundos em pantomima.

Anna observou o mar. Havia uma sensação que ela tinha quando se encontrava à beira dele: uma mistura eléctrica de atração e temor. O que ficaria à mostra se, de repente, toda aquela água desaparecesse? Uma paisagem de objetos perdidos: navios afundados, tesouros escondidos, ouro, pedras preciosas e a pulseira-amuleto que lhe tinha caído do pulso para dentro de um esgoto. «Cadáveres», acrescentava sempre o pai, com uma gargalhada. Para ele, o oceano era uma vastidão imensa.

Anna olhou para Tabby (o diminutivo da rapariga) a tremer junto a ela e quis dizer-lhe o que sentia. Muitas vezes, era mais fácil dizer coisas a desconhecidos. Em vez disso, repetiu o que o pai dizia sempre, quando confrontado com um horizonte vazio:

— Não se vê um único navio.

Os rapazinhos arrastaram as pistolas de raios pela areia, na direção da rebentação, com a ama a arfar atrás deles.

— Nem se atrevam a aproximar-se dessa água, Phillip, John-Martin — arquejou num volume surpreendente. — Estamos entendidos?

Lançou um duro olhar a Anna, que os tinha levado até lá, e conduziu os gémeos de regresso à casa.

— Os teus sapatos estão a ficar molhados — disse Tabby, a bater os dentes.

— Achas que os devíamos tirar? — retorquiu Anna. — Para sentirmos o frio?

— Eu não o quero sentir!

— Mas quero eu.

Tabby ficou a ver Anna despertar as presilhas dos sapatos de verniz pretos que partilhava com Zara Klein, do andar de baixo. Desenrolou as meias de lã e colocou os pés brancos, ossudos e grandes para a idade na água gelada. Tanto um pé como o outro trouxeram-lhe uma agonia de sensações ao coração, parte da qual correspondia a uma chama de dor inesperadamente agradável.

— O que é que sentes? — guinchou Tabby.

— Frio — respondeu Anna. — Um frio de morrer.

Foi necessária toda a força que tinha para não recuar e essa resistência contribuiu para aquela estranha excitação. Olhando rapidamente para a casa, viu dois homens de sobretudo escuro a seguir pelo caminho pavimentado longe da areia. A segurar os chapéus contra o vento, pareciam atores de um filme mudo.

— São os nossos paizinhos que ali vão?

— O Papá gosta de falar de negócios cá fora — explicou Tabby. — «Longe de ouvidos curiosos.»

Anna sentiu uma compaixão benevolente pela jovem Tabatha, excluída dos negócios do pai quando Anna podia escutar tudo sempre que lhe apetecesse. Mas ouvia pouca coisa interessante. O pai tinha como função transmitir cumprimentos, ou votos de felicidades, entre homens do sindicato e outros homens que eram amigos deles. Essas saudações incluíam um envelope, por vezes um embrulho, que ele entregava ou recebia como quem não queria a coisa — só se repararia nisso se se estivesse a prestar atenção. Ao longo dos anos, o pai tinha conversado imenso com

Anna sem saber que estava a conversar e ela tinha ouvido sem saber o que ouvia.

Ficou surpreendida com a maneira familiar e animada como o pai estava a falar com Mr. Styles. Pelos vistos, eram amigos. Depois daquilo tudo.

Os homens mudaram de rumo e começaram a atravessar a areia, em direção a Anna e Tabby. Anna apressou-se a sair da água, mas tinha deixado os sapatos demasiado longe para os poder voltar a calçar a tempo. Mr. Styles era um homem imponente e largo, com cabelo preto cheio de brilhantina a aparecer-lhe por baixo da aba do chapéu.

— Oiça lá, esta é a sua filha? — perguntou. — A resistir a temperaturas árticas sem ter sequer umas meias?

Anna pressentiu o descontentamento do pai.

— De facto, é mesmo — retorquiu ele. — Anna, dá os bons-dias ao Mr. Styles.

— É um prazer conhecê-lo — disse ela, apertando-lhe a mão com firmeza, tal como o pai lhe tinha ensinado, e tendo o cuidado de não olhar de esguelha ao levantar a cabeça na direção dele.

Mr. Styles parecia mais novo do que o pai dela, sem sombras nem rugas na cara. Pressentiu nele uma energia, uma tensão murmurante perceptível mesmo através do sobretudo esvoaçante. Aparentava estar à espera de qualquer coisa à qual reagir ou com a qual se entreter. E, naquele preciso momento, essa coisa era Anna.

Mr. Styles agachou-se ao lado dela, na areia, e fitou-a.

— Porque é que estás descalça? — perguntou. — Não tens frio ou estás a armar-te?

Anna não tinha nenhuma resposta preparada. Não era nem uma coisa nem outra; era mais um instinto no sentido de manter Tabby espantada e a conjeturar. Mas nem isso foi capaz de articular.

— E porque é que eu havia de me estar a armar? — retorquiu. — Já tenho quase doze anos.

— E então, qual é a sensação?

Ela sentiu o cheiro a hortelã e álcool do hálito dele mesmo com o vento. Ocorreu-lhe que o pai não conseguia ouvir aquela conversa.

— Só dói ao princípio — respondeu. — Passado um bocado, já não sentimos nada.

Mr. Styles fez um sorriso rasgado, como se a resposta dela fosse uma bola que ele tivesse tido um prazer físico em apanhar.

— Palavras verdadeiramente inspiradoras — afirmou, voltando depois a erguer-se até à sua enorme altura. — Ela é forte — comentou com o pai de Anna.

— Lá isso é verdade.

O pai evitou os olhos dela.

Mr. Styles limpou a areia das calças e deu meia-volta para se ir embora. Tinha esgotado aquele momento e já se encontrava à procura do seguinte. «São mais fortes do que nós», Anna ouviu-o a dizer ao pai. «Felizmente para nós, não o sabem.» Achou que talvez ele se fosse virar e olhar para ela, mas devia ter-se esquecido.

Dexter Styles sentiu a areia a entrar-lhe nos sapatos baixos, com um laço no peito do pé, enquanto regressava ao caminho pesadamente. Não havia dúvida de que a dureza que pressentira enroscada dentro de Ed Kerrigan tinha florescido de forma sublime na filha de olhos escuros. A prova daquilo em que sempre acreditara: os filhos dos homens revelavam-nos. E era por essa razão que Dexter raramente fazia negócios fosse com que homem fosse sem lhe conhecer primeiro a família. Quem lhe dera que a sua Tabby também se tivesse descalçado.

Kerrigan conduzia um Duesenberg Model J de 1928, azul Niágara, sinal tanto de bom gosto como de perspectivas promissoras antes do crash. Tinha um alfaiate excelente. E, no entanto, havia qualquer coisa obscura naquele homem, qualquer coisa que jogava contra a roupa, o automóvel e até mesmo o modo direto e hábil como conversava. Uma sombra, uma mágoa. Mas a verdade é quem não tinha alguma dessas coisas? Ou várias?

Quando chegaram ao caminho, Dexter deu por si decidido a contratar Kerrigan, partindo do princípio de que se poderiam definir condições adequadas.

— Oiça lá, tem tempo para ir de carro conhecer um velho amigo meu? — perguntou.

- Com certeza — respondeu Kerrigan.
— A sua mulher não está à sua espera?
— Só depois do jantar.
— E a sua filha? Não vai ficar preocupada?
Kerrigan riu-se.
— A Anna? A função dela é preocupar-me a mim.

Anna contara que, a qualquer momento, o pai a mandasse sair da praia, mas foi a ama quem acabou por aparecer, bufando com indignação, e lhes ordenou que voltassem para dentro. A luz tinha-se alterado e o quarto das crianças parecia pesado e escuro. Tinha um fogão a lenha próprio a aquecê-lo. Comeram biscoitos de noz e ficaram a ver o comboio elétrico a deslocar-se velozmente pelo oitavo que Anna tinha construído, com vapor verdadeiro a dispersar-se saído da chaminé em miniatura. Ela nunca tinha visto um brinquedo assim, não conseguia imaginar quanto poderia custar. Estava farta daquela aventura. Já tinha durado bem mais do que as visitas sociais deles costumavam durar e estar a desempenhar um papel para as outras crianças tinha-a extenuado. Parecia que já não via o pai há horas. Por fim, os rapazes deixaram o comboio a funcionar e foram ver livros ilustrados. A ama tinha adormecido numa cadeira de baloiço. Tabby estava deitada num tapete enrançado, a apontar o caleidoscópio novo para o candeeiro.

Como quem não queria a coisa, Anna perguntou:

— Posso pegar na tua Flossie Flirt?

Tabby assentiu vagamente e Anna retirou a boneca da prateleira com cuidado. As Flossie Flirts vinham em quatro tamanhos e aquela era a segunda mais pequena — não a bebé recém-nascida mas uma bebé um pouco maior, com olhos azuis arregalados. Anna virou a boneca de lado. E, de facto, tal e qual como os anúncios nos jornais haviam prometido, as íris azuis deslizaram para o canto dos olhos, como que acompanhando Anna. Sentiu uma explosão de pura alegria que quase a fez rir. Os lábios da boneca formavam um «O» perfeito. E, por baixo do lábio superior, encontravam-se dois dentes brancos pintados.

Como se tivesse cheirado o leite de Anna, Tabby levantou-se de um pulo.

— Podes ficar com ela! — exclamou. — Já nunca brinco com ela.

Anna assimilou o impacto daquela oferta. Há dois Natais, quando quisera a Flossie Flirt tão veementemente, não se atrevera a pedi-la — os navios tinham parado de chegar e eles não tinham dinheiro. Esse anseio físico extremo que sentira pela boneca rasgava-a agora como uma tesoura, perturbando-lhe a noção profunda de que teria obviamente de recusar.

— Não, obrigada — disse por fim. — Tenho uma maior em casa. Só queria ver como é que era a pequena.

Com um esforço doloroso, forçou-se a voltar a colocar a Flossie Flirt na prateleira, deixando ficar a mão pousada numa das pernas de borracha até sentir a ama a mirá-la. Fingindo indiferença, virou costas.

Demasiado tarde. A ama tinha-a visto e sabia. Quando Tabby saiu do quarto depois de a mãe a chamar, a ama agarrou na Flossie Flirt e fez menção de a atirar a Anna.

— Fica com ela, querida — sussurrou ferozmente. — Ela não se importa... tem brinquedos que lhe chegam e sobram. Todos eles têm.

Anna hesitou, meio crente de que talvez houvesse maneira de ficar com a boneca sem que ninguém soubesse. Mas só de pensar na reação do pai endureceu-lhe a resposta.

— Não, obrigada — disse com frieza. — A verdade é que já não tenho idade para bonecas.

Sem olhar sequer para trás uma vez, foi-se embora do quarto de brincar. Mas a compaixão da ama tinha-a enfraquecido, com os joelhos a tremerem-lhe ao subir as escadas.

Ao ver o pai no hall da frente, Anna mal conseguiu suster o impulso de correr na direção dele e de lhe agarrar as pernas como costumava fazer. O pai já tinha o casaco vestido. E Mrs. Styles estava a despedir-se.

— Da próxima vez, tens de trazer a tua irmã — disse a Anna, beijando-a na cara, com um toque de perfume almiscarado.

Anna prometeu que o faria. Lá fora, o Model J reluzia de forma baça ao sol do final da tarde. Quando era deles, o carro brilhara mais; os rapazes do sindicato poliam-no menos.

Enquanto se afastavam da casa de Mr. Styles, Anna pôs-se à procura de um comentário inteligente e certo que desarmasse o pai — do gênero dos que fazia sem pensar quando era mais pequena, com a gargalhada de espanto dele a servir de primeiro indício de que tinha sido engraçada. Nos últimos tempos, dava frequentemente por si a tentar recapturar um estado anterior, como se uma qualquer vivacidade ou inocência a tivesse abandonado.

— Imagino que o Mr. Styles não estivesse virado para as ações — disse finalmente.

O pai soltou um risinho abafado e puxou-a para ele.

— O Mr. Styles não precisa de ações. É dono de clubes noturnos. E de outras coisas.

— É membro do sindicato?

— Oh, não! Não tem nada a ver com o sindicato.

Aquilo foi uma surpresa. Em termos gerais, os homens do sindicato usavam chapéus e os estivadores usavam bonés. Alguns, como o pai, eram capazes de usar ambos, consoante o dia. Anna não conseguia imaginar o pai com um gancho de estivador quando se encontrava bem vestido, como naquele momento. A mãe guardava penas exóticas dos trabalhos à peça e utilizava-as para lhe adornar os chapéus. Readaptava-lhe os fatos de acordo com as tendências e de forma a favorecer-lhe a constituição fina e seca — tinha perdido peso desde que os navios tinham parado de chegar e fazia menos exercício.

O pai ia a guiar só com uma mão, um cigarro entalado entre dois dedos que seguravam o volante e o outro braço à volta de Anna. Ela encostou-se a ele. No fim de contas, tudo se resumia aos dois em movimento, com Anna a deixar-se ir numa maré de satisfação ensonada. Sentiu o cheiro de qualquer coisa nova no carro, por entre o fumo do cigarro do pai, um odor argiloso e familiar que não conseguia precisar ao certo.

— Porquê os pés descalços, bonequinha? — perguntou, conforme ela sabia que iria fazer.

— Para sentir a água.

— Isso é uma coisa que as menininhas fazem.

— A Tabatha tem oito anos e não o fez.

— Teve mais juízo do que tu.

— O Mr. Styles gostou que eu o fizesse.

— Não fazes ideia do que o Mr. Styles achou.

— Faço, sim. Ele falou comigo quando tu não conseguias ouvir.

— Eu reparei nisso — retorquiu o pai, olhando para ela. — E o que é que ele disse?

A mente de Anna retrocedeu no tempo, até à areia, ao frio, à dor nos pés e ao homem ao lado dela, curioso — fundindo-se agora tudo isso com o desejo ardente por aquela Flossie Flirt.

— Disse que eu era forte — respondeu, um carço a apertar-lhe a voz. Ficou com os olhos turvos.

— E és mesmo, bonequinha — retorquiu ele, beijando-a no cocuruto. — Toda a gente vê isso.

Num semáforo, o pai sacou outro cigarro do maço de Raleighs. Anna espregueou lá para dentro, mas já tinha tirado o cupão. Gostava que ele fumasse mais; já tinha acumulado setenta e oito cupões, mas os artigos do catálogo só eram sequer tentadores a partir dos cento e vinte e cinco. Oitocentos davam direito a um conjunto de seis peças de prata, numa caixa personalizada, e havia uma torradeira automática disponível por setecentos. Mas esses números pareciam inatingíveis. O catálogo da B&W Premiums era escasso em brinquedos: incluía somente um panda Frank Buck ou uma boneca Betsy Wetsy, com um enxoval completo, por duzentos e cinquenta, mas esses artigos pareciam estar abaixo dela. O alvo, «para crianças mais velhas e adultos», atraía-a, mas não era capaz de se imaginar a atirar dardos afiados dentro do apartamento pequeno que tinham. E se algum atingisse Lydia?

O fumo erguia-se dos acampamentos no interior do Prospect Park. Estavam quase a chegar a casa.

— Já me ia esquecendo — disse-lhe o pai. — Olha só o que eu aqui tenho.

Tirou um saco de papel de dentro do sobretudo e entregou-o a Anna. Estava repleto de tomates bem vermelhos, o profuso cheiro a terra deles era precisamente aquele que Anna tinha notado antes.

— Mas como — perguntou, maravilhada —, no inverno?

— O Mr. Styles tem um amigo que os cultivava numa casinha de vidro. Mostrou-ma. E que tal surpreendermos a Mamã?

— Tu foste-te embora? Enquanto eu estava em casa do Mr. Styles?

Anna sentiu um espanto ferido. Em todos os anos que o acompanhara nas incumbências que lhe davam, o pai nunca a tinha deixado fosse onde fosse. Tinha estado sempre à vista.

— Foi só por um bocadinho de nada, bonequinha. Nem sequer deste pela minha falta.

— E foste muito longe?

— Não muito.

— Mas dei pela tua falta.

Naquele momento, pareceu-lhe que sempre soubera que ele não estava lá, que tinha sentido o vazio da ausência dele.

— Tretas — disse ele, dando-lhe outro beijo. — Estavas a divertir-te à grande.